

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO  
ESTRANÇEIRO

## ASSIGNATURA

<b>Moeda forte</b>	<b>PORTUGAL E COLONIAS</b>	<b>Franco de porte</b>	
Anno ou 24 numeros .....	26000	Trimestre ou 6 numeros ....	8450
Semestre ou 12 numeros ....	16300	N.º avulso ou pago a entrega	6120
<b>ESTRANÇEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS</b>			
Anno ou 24 numeros .....	36000	Semestre ou 12 numeros ....	16500

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 38

15 DE JULHO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

Ecorrespondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



O PRINCE IMPERIAL, LUIZ EUGENIO NAPOLEÃO — Morto na guerra dos Zelus, n'um reconhecimento à frente da inimiga, em 1 de Junho de 1879

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — O principe Luiz Eugenio Napoleão, R — Damião de Góes, GRAÇA BARRETO — Marçal José Ribeiro, B — As nossas gravuras — Viagem através d'Africa Austral pelo major Serpa Pinto, ALBERTO QERVARES — Ensaio e noticias scientificas, Constituição Phisica do Sol, H. DE MACEDO — Excerptos — O romance d'um drama, SERGIO DE CASTRO — Bibliographia.

**GRAVURAS.** — O principe imperial Luiz Eugenio Napoleão — Silva Porto — Belmonte, Casa de Silva Porto no Bihé, Morada do major Serpa Pinto durante a sua estada no Bihé, em 1878 — Horas d'estudo — Brazil, Pgarape de Cachoeirinha de Manãos — Marçal José Ribeiro — Premio de honra da regata do dia 24 de junho de 1879 — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Se todos os portuguezes se compenetrarem das suas obrigações e do que devem á patria e á sociedade, no anno corrente as casas de campo, as aguas, as praias, ficarão completamente desertas porque a verdade é que raro será aquelle que, em consequencia de pertencer a uma commissão, não seja obrigado a permanecer durante os mezes do estio, no Terreiro do Paço, tomando em relatorios e em portarias o que simplesmente devia tomar em banhos.

Realizou-se o grande sonho bourocratico da geração que nos precedeu... nas secretarias. O paiz está todo constituído em commissões desde o cabo de Espichel até ao ponto aonde termina, que ninguém sabe ao certo onde é. D'aquí a pouco ver-se-hão os quatro milhões e tanto de individuos que constituem a familia portugueza, sentados fraternalmente em volta d'uma grande mesa coberta de baeta verde, dormindo com beatitude sobre os variados assumptos que n'este momento prendem a attenção dos estadistas, a principiar na divisão das comarcas e a acabar na diminuição... do resto. Teremos assim tocado o verdadeiro ideal do governo do povo pelo povo! As antigas lanjeoulas da eloquencia, taes como a *communhão dos povos*, o *agape fraternal da nação*, a *mesa do festim*, o *banquete da civilização*, terão deixado de ser meros enfeites oratorios, simples flores de rhetorica, para serem a expressão de uma attitude gastronomica, com a differença dos convivas saciarem a sua gula em menus traduzidos no *Diario do Governo* em vez de a saciarem em menus traduzidos em *artigos de cosinha*.

Póde hoje até dizer-se de Portugal:

*Commissão da Europa á beira-mar plantada!*

Enuncia-se assim uma verdade e erra-se um verso, o que de certa fórma redobra a *cór local*.

— Para entreter os ocios das commissões e animal-as a progredir na sua obra, a instituição policial de Lisboa realison em S. Carlos um variado concerto por musica vocal e instrumental, em que tomaram parte diferentes notabilidades dispersas, de varias procedencias — e côres.

A policia aproveitou sagazmente o ensejo, para, por occasião d'esta festa sympathica, fazer um manifesto em verso que ficasse como modelo de sisudez e de commedimento, n'um periodo de agitação em que a santa poesia parece quer perder-se por trilhos errados.

Satisfaz cabalmente no meu entender ao fim que teve em vista, a *saudação* a sua magestade a rainha, escripta pelo sr. commissario da 3.<sup>a</sup> divisão.

Entretanto, da mesma fórma que este digno funcionario tem o direito de me bater cortezmente no hombro e chamar-me ao commissariado para me interrogar, desde que me encontre passeando com ares suspeitos, fóra d'horas, na area da sua circumscripção, da mesma fórma eu chronista tenho o direito de o chamar a elle ao recinto da chronica, desde que o encontre a divagar no Parnazo com uma ode debaixo do braço.

Perfeitamente d'accórdo em que esta ode é toda sua, nem eu d'ella reclamo nada para mim, entretanto sejam-me permittidas algumas leves observações.

Sendo o sr. commissario, como eu supponho que deve ser, e como a sua posição official exige mesmo que seja, inimigo declarado de tudo o que se pareça, por exemplo, com a *Morte de D. João*, com as *Odes modernas*, com a *Visão dos tempos* e outras iniquidades litterarias que nos ultimos tempos tanto tem contribuido para a decadencia dos costumes e dos pianos, quer-me parecer que a sua linguagem devia ser mais terminante no sentido de afirmar o respeito que todos os trovadores devem á auctoridade constituída. Ora nas estrophes da *Saudação* noto ainda algumas indecisões que me indicam que o sr. commissario trepidou em usar francamente, até aos ultimos limites, da linguagem propria d'um magistrado da sua cathogoria.

Por exemplo, quando diz:

*A mencionada flor, a flor idalia,*

quer-me parecer que seria mais energico, e mais persuasivo, sendo ao mesmo tempo mais apropriado, dizer:

*A supra mencionada flor idalia,*

E mais abaixo quando pondera:

*Como é de proverbial notoriedade...*

supponho que seria melhor, mais simples e mais em harmonia com os termos dos autos dizer:

*Vê-se do depoimento, a folhas tantas,*

Emfim, eu não pretendo com estas observações, nem de leve, suspeitar das intenções rectas d'uma instituição que tantas almas tem presas com as suas harmonias — no Limoeiro; julgo todavia que o sr. ministro do reino devia fazer descer uma portaria ou decreto que regulasse em taes assumptos, determinando expressamente que poesias d'esta natureza, da responsabilidade de uma corporação inteira, nunca fossem publicadas sem levarem em cima a legenda official: — *S. N. R. — Serviço Nacional e Real*.

Repito; estas minhas palavras em nada desmerecem o valor d'uma trova, a que de mais a mais o sr. Christovam de Sá, acaba de chamar *inspirada*, declarando, depois de a examinar bem e de lhe mandar deitar a lingua de fóra, que não padece da molestia contagiosa que tão assustadas traz n'este momento as almas ternas.

— Com a recita de S. Carlos, o theatro disse-nos definitivamente a ultima palavra, por estes mezes mais chegados. Agora o triste toma o bordão de peregrino e principia a fazer excursões a preços reduzidos pelas provincias, enquanto não se instala na Figueira ou em Cacilhas, a tomar os seus banhos de mar.

O de D. Maria II, sobretudo, tem necessidade d'um tratamento rigorosissimo, attenta a debilidade em que o deixaram as orgias dramaticas a que se entregou durante dez mezes seguidos. Seria um acto de justiça que o governo, visto a magreza do thesouro não permittir um amparo proficuo á magreza da arte dramatica, de modo a pôrem em pratica aquelle sentido verso de João de Deus:

*Guiando-se uma á outra á sepultura...*

Seria conveniente, repito, que ao menos subsidiasse com alguns frascos d'oleo de figados de bacalhau o pobre theatro nacional! Elle na verdade parece chegado á situação extrema em que o ultimo recurso é lançar no *Diario de Noticias* um d'aquelles annuncios commovedores que d'ordinario começam por estas palavras: *«Attendei a um desgraçado, tysico, com trinta e seis filhos, quebrado, deitando sangue pela boca...»* Emfim, o governo tem realmente muito em

que pensar, sem ser nos destinos do drama em sete actos com prologo e epilogo, agora de mais a mais que tantas questões momentosas trazem o gabinete subvidido, a ponto da falta d'unidade levar o governo á discordancia inaudita de se apresentar em S. Carlos, parte de farda, parte de casaca e não se sabe se parte em roupas brancas!

Tal é a revelação tremenda feita ha poucos dias ao paiz e á rua dos Algibebes, por uma folha opposicionista que felizmente acudiu a tempo ainda de salvar o constitucionalismo de mais este vexame!

Entretanto, se mais não se póde fazer a favor do theatro nacional, que ao menos a camara municipal se amercei d'elle, concedendo-lhe no Alto de S. João, alguns metros de terreno, gratuitos, aonde com o producto d'um derradeiro beneficio se lhe possa erigir um jazigo perpetuo.

— As antigas noites do Passeio Publico, com todos os seus atractivos, voltaram a florescer como nos mais bellos tempos da *illuminação*, e do fogo de vistas. Ao impulso da batuta de M.<sup>me</sup> Amann aquelle triste recinto rejuvenesce e perde até a primitiva feição nacional que o fazia tão nosso, tanto pelas musicas que lá se ouviam, como pelas perniciosas que lá se apanhavam. Não quero dizer que, fazendo a diligencia, este ultimo atractivo não se possa ainda gosar junto aos lagos; é todavia certo que o Passeio perde as velhas tradições luzas, para ter o quer que seja d'europeu, quanto mais não seja pela cerveja e pelo Strauss — de Vienna, que proporciona aos concorrentes.

— Um ou outro livro se annuncia e um ou outro apparece já publicado. Entre estes devo mencionar, emquanto no logar competente não recebe a apreciação que lhe é devida, a *Historia do marechal Saldanha*, pelo sr. D. Antonio da Costa.

O marechal Saldanha, toda a gente o sabe, foi a derradeira figura verdadeiramente epica do velho cavalheirismo portuguez. O seu vulto legendario ergue-se muitos palmos acima da craveira porque hoje se medem os heroes d'ocasião, e póde dizer-se que a recordação do seu nome é a ultima que ainda vive, e a derradeira que porventura terá de se apagar da memoria do nosso povo. Soldado da liberdade, foi n'um dado cyclo historico a encarnação mais genuina d'uma idéa generosa e justa. A gloria do seu nome é pois legitima.

O sr. D. Antonio da Costa é um escriptor de muito talento e de muita reflexão, ninguém por isso mais competente do que elle para escrever a historia d'um morto que ainda *não passou* bastante para deixar calar os juizos partidarios. De mais, intimamente ligado á pessoa do legendario soldado, ninguém melhor do que elle podia apanhar em flagrante o perfil d'aquella original physionomia que a imaginação popular se acostumou a revestir d'um caracter maravilhoso.

Com estes predicados póde-se escrever um magnifico livro. Foi o que o sr. D. Antonio da Costa já fez com este primeiro volume, a que em breve deverá seguir outro que concluirá o melhor monumento que por ventura é dado levantar á memoria d'um homem que soube na guerra batalhar pela liberdade, e na paz honrar o pensamento humano.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## O PRINCIPE LUIZ EUGENIO NAPOLEÃO

Nasceu no palacio das Tulherias a 16 de março de 1836, e morreu na fronteira da Zululândia, no dia 1.<sup>o</sup> de junho de 1879, o principe Luiz Eugenio Napoleão, de quem hoje damos o retrato na primeira pagina do OCCIDENTE.

O principe Eugenio era o continuador da lenda Napoleonica, que tanta influencia havia exercido nos destinos da França e da Europa; morto elle, a aguia do imperio sepulta-se no sarcophago da historia, e será debalde que alguns partidarios fanaticos buscarão um nome

de familia, em que symbolisar a aspiração Cesarista.

Napoleão III tivera por collaboradores no omniuso golpe de estado de 1832, a tradição imperial, e as glorias do primeiro Napoleão, engrandecidas pelos historiadores e cantadas pelos poetas. Pela tenacidade e pelo ardil, conseguira fazer uma embuscada á opinião da França, algemando-a ao carro triumphal em que durante dezoito annos correu a tantas aventuras felizes. Fez viver o povo francez d'um deslumbramento. Quando acordou d'este sonho glorioso, achou-se na toca de Sedan, apertado nas roscas d'uma serpente de bronze, que obedecia á voz do general Moltke.

Toda a gente se lembra que então, o sobrinho do vencedor de Iena e d'Austrelitz, entregou a espada ao rei Guilherme, partindo de carruagem para o exilio, depois d'acender um cigarro, com a mesma serenidade apparente, com que outr'ora seguia pelo *boulevard* da Opera, no tempo em que a grandesa material do segundo imperio conservava o mundo de baixo d'uma continua fascinação!

O principe Luiz aos 14 annos era pois um exilado: um exilado sympathico que, encetando os seus estudos superiores nas escolas de Woolwich, conseguira, pela sua afabilidade natural, ganhar muitos amigos d'entre os companheiros d'estudo; entretanto a herança de gloria que lhe coube por morte de seu pae não era realmente grande. Por outro lado o seu character e o seu temperamento, não deixavam adivinhar n'elle um d'estes aventureiros audazes que uma bella noite se combinam alguns generaes ambiciosos para dar assalto a um throno. Entretanto as esperanças do partido imperial cifravam-se n'elle, e o principe procurava sinceramente fazer o seu tirocinio para, no momento oportuno ser o *salvador* do povo francez. N'esta situação era preciso crear uma lenda militar que lhe desse prestigio e o impozesse á admiração da França, porque, quando a França admira, póde dizer-se que está vencida.

Ora o principe tinha ligado apenas ao seu nome a gloria de Sarrebruck, aonde recebera um *baptismo de fogo* que obteve um successo de riso e de desdém na Europa. Era preciso mais, e como a Inglaterra em paizes longinquos andasse em guerra com um povo selvagem mas aguerrido, o filho de Napoleão III lembrou-se de offerecer o valor do seu braço para a ajudar a combater contra os zulus.

Toda a gente sabe o resto. O anjo da victoria mostrou-se ainda nas plagas africanas desdenhoso para com o valoroso e dedicado principe. Servindo no estado maior do exercito de lord Chelmsford, uma bella manhã partiu em descoberta, acompanhado do tenente Carey e de seis soldados inglezes e outros tantos natuaes do paiz. A algumas milhas do acampamento, os cavalleiros apearam-se, prendendo os cavallos a algumas arvores, e propozeram-se a descançar um pouco. Não havia vestigios do inimigo. Os zulus entretanto vinham colleando de rastros por entre as espessas hervagens e chegavam em grande numero no momento em que os cavalleiros desapareceram iam montar de novo a cavallo. Uma chuva de azagaias acommette-os n'esse instante; os cavalleiros fogem, o principe, ainda apeado, em vão tenta alcançar o cavallo que parte n'uma rapida carreira. Abandonado, só, correndo ainda por algum tempo, é bem depressa alcançado por um chuveiro de flechas que o deixam em seguida morto.

Quando os seus companheiros pensam n'elle, de pois de correrem muito tempo, já era demasiadamente tarde. Este facto não se póde dizer em extremo honroso para a heróicidade ingleza.

Ha poucos dias teve logar o epilogo d'esta lugubre tragedia. A imperatriz Eugenia recebia nos seus braços, em vez d'uma esperança e uma consolação, um cadaver, e o partido imperialista, em vez d'um heroe, uma triste sombra!...

Quaesquer que sejam hoje as esperanças e as intenções dos imperialistas francezes, parece

certo que o incidente Napoleónico acabou na historia. O morto de Santa Helena, digamos assim, ainda era d'uma grandeza tal que permitia a resurreição! e da Zululandia, infeliz! era modesto de mais para poder com a sua memoria galvanisar a aguia imperial!

R.

## DAMIÃO DE GOES

(Concluido do n.º 34)

20.º De Tidemanno Gysio, bispo Culmense para Damião — 16 de novembro de 1539. — Estima reatar as suas relações com Goes, recebendo o opusculo dos feitos dos Portuguezes na India sobre que discorre, e havendo a noticia de que Damião vive casado em Lovaina.

21.º De João Rod para Damião — Porto, 13 de janeiro de 1541. — Discorre sobre os commentarios da guerra da Carmania, reporta-se á sua antiga amizade e ás relações com Fructos de Goes, e roga a Damião que lhe escreva uma noticia das regiões Sarmaticas.

22.º Do cardeal Sadoletto para Damião — Carpentras, 24 de dezembro de 1539. — Falla do opusculo sobre a religião e costumes dos Abexins, de que pouco lera na occasião, e que não recebera o outro sobre a guerra da Carmania, mas que o ficava esperando; tracta ainda muito notavelmente sobre a correspondencia que abrija com os reformadores, agradecendo os conselhos que sobre o assumpto lhe dá Goes, e que de futuro será mais cauto.

23.º Do cardeal Bembo para Damião — Roma, 31 de dezembro de 1539. — Discorre com louvor sobre o opusculo da guerra de Diu que lhe fôra endereçado, e congratula-se com Goes pela noticia que este lhe dera da gravidez da mulher.

24.º De Jorge Coelho para Damião — Lisboa, 26 de agosto de 1540. — Sobre o opusculo de Damião com respeito á victoria dos Portuguezes, como o rei o consultára sobre elle, qual a sua resposta, e qual o parecer do infante D. Henrique; depois tracta do seu poema sobre a paciencia christã.

25.º Do cardeal Sadoletto para Damião — Carpentras, 25 de agosto de 1540. — Sobre o casamento de Damião, a viagem que Sadoletto fizera com o Papa, a sua vinda á Igreja de Carpentras, e nenhuma vontade de voltar á Italia.

26.º De Adão Carlos para Damião — Em a nova cidade de Austria, 28 de outubro de 1540. — Agradece as cartas, e bem assim o opusculo sobre a Ethiopia, que, emprestado a Claudio Cantiuncula (Chansonnette), da mão d'elle passára á de outros muitos doutos; havido de novo, ha de lel-o com attenção, especialmente por ter ouvido ao mesmo Cantiuncula conter-se n'elle uma theologia tão profunda, exposta em uma abreviação de sentenças, tão clara e compendiosa, que era muito para envergonhar aos que fazem profissão de christianismo serem excedidos quasi no culto e observancia da religião pelos abexins.

27.º Do cardeal Bembo para Damião — Roma, 11 de janeiro de 1541. — Agradece o opusculo sobre a Ethiopia, e que fizera entrega do exemplar e carta dirigidos ao Pontifice, ficando elle muito grato; termina, saudando a mulher de Damião pelo nascimento do filho.

28.º De João Magno, arcebispo de Upsal, para Damião — Roma, 1 de abril de 1541. — Agradece o opusculo sobre a Ethiopia, e n'elle especialmente o anexo da lamentação sobre a sorte dos Laponios, em que Damião manifestou notavelmente zelo pela fé, e fraternal amizade para com elle arcebispo; refere-se depois á sua *Historia dos Godos*, e ao livro do irmão, Olao Magno, sobre as acções e costumes dos povos do norte.

29.º De Christovão Madrucci, cardeal bispo de Trento, para Damião — Trento, 21 de maio de 1541. — Explica o genero e razões da sua affeição para com Goes, e cumprimenta-o pelo nascimento do segundo filho.

30.º De João Vasco para Damião — Evora, 18 de outubro de 1541. — Compara com hu-

mildade as proprias qualidades com as de Goes, a quem muito deve, e celebra com encomios o opusculo sobre o Preste João.

31.º De Jorge Coelho para Damião — Lisboa, 13 de dezembro de 1541. — Sobre o favor com que Goes e outros receberam os seus recentes opusculos; e qual o parecer e opinião do rei sobre os escriptos de Damião.

32.º De Beato Rhenano para Damião. — Schelestadt, 21 de março de 1542. — Agradece a dádiva dos commentarios dos feitos dos Portuguezes na India, e do opusculo sobre o Preste João, e que é digna e proveitosa a empreza da coordenação latina d'estes tratados.

33.º De Damião para João Jacob Fugger — Lovaina, 11 de abril de 1542. — Justifica-se do que escrevera sobre Sebastião Munster a proposito da Hespanha, insistindo sobre as leviandades e calumnias que o outro tecera, e refere-se a um livro portuguez que vira em casa de Peutinger, que pede a Fugger lhe alcance, ou então uma copia, por ser isto da maior importancia para a historia que andá compoendo das cousas da India.

34.º De João Jacob Fugger para Damião — Ausburgo, 8 de maio de 1542. — Que ignorava as aggressões de Munster, e agora que as sabe, não só julga justificado Goes, mas até fica aborrecendo homem tão temerario em fallar do que não percebe, e que ainda tem o despejo de atacar a fé; quanto ao livro portuguez, tractára com Peutinger, vira-o já, restituira-o, e procurará ainda havel-o por todas as formas.

35.º De Beato Rhenano para Damião — Schelestadt, 21 de maio de 1542. — De cumprimentos, e sem importancia.

36.º De Guilherme Zenosaro Agrippa para Damião — Bruxellas, 12 de julho de 1542. — Com muitos cumprimentos, pedindo a amizade de Goes, e offerecendo o seu prestimo em Inglaterra, para onde terá de partir em breve.

37.º De Tidemanno Gysio, bispo Culmense, para Damião — Do seu castello em Lubavia, 22 de outubro de 1542. — Cumprimenta-o por estar pae de dois filhos, e pelos tratados sobre a Ethiopia e a Hespanha.

38.º De João Magno, arcebispo de Upsal, para Damião — Roma, 21 de maio de 1543. — Dando noticias da sua vida, e das luctas religiosas entre catholicos e protestantes. A carta foi escripta pelo irmão do arcebispo, Olao.

39.º De João Jacob Fugger para Damião — Ausburgo, 4 de dezembro de 1543. — Sobre o livro portuguez que possui Peutinger, e que elle procura obter com instancia; esgotados todos os recursos, restará o unico remedio, que é esperar a morte do velho, que já está com um pé na cova.

Ainda n'esta colleção apparece por ultimo uma carta de Pedro Bembo para Bernardino Sandrio, com a data de 12 de junho de 1529, cujo summario não dou por não se referir a Goes, nem tão pouco a assumpto a elle concernente, ou de que se faça menção n'outros logares da correspondencia; porventura Goes não assistiu pessoalmente á tiragem d'esta edição, e por equívoco ou inadvertencia, estando a carta reunida ás anteriores, entraria fóra de todo o proposito na colleção: d'outra forma não sabemos explicar o seu apparecimento ali.

São bem exiguos os summarios que n'esta folha ficam publicados sobre a correspondencia de Damião de Goes com os sabios coevos, e muito intencionalmente reduzimos esses summarios depois de uma polemica ventilada em outra parte, e suscitada a proposito do nosso artigo aqui; ainda assim, cremos que elles despertarão a attenção dos estudiosos para a consulta das cartas, tanto mais que pareço aprazar-se o ensejo, com uma reimpressão, ou traducção, que se annuncia d'ellas, muito acrescentada.

Nós tambem ainda esperamos voltar a escrever sobre o assumpto.

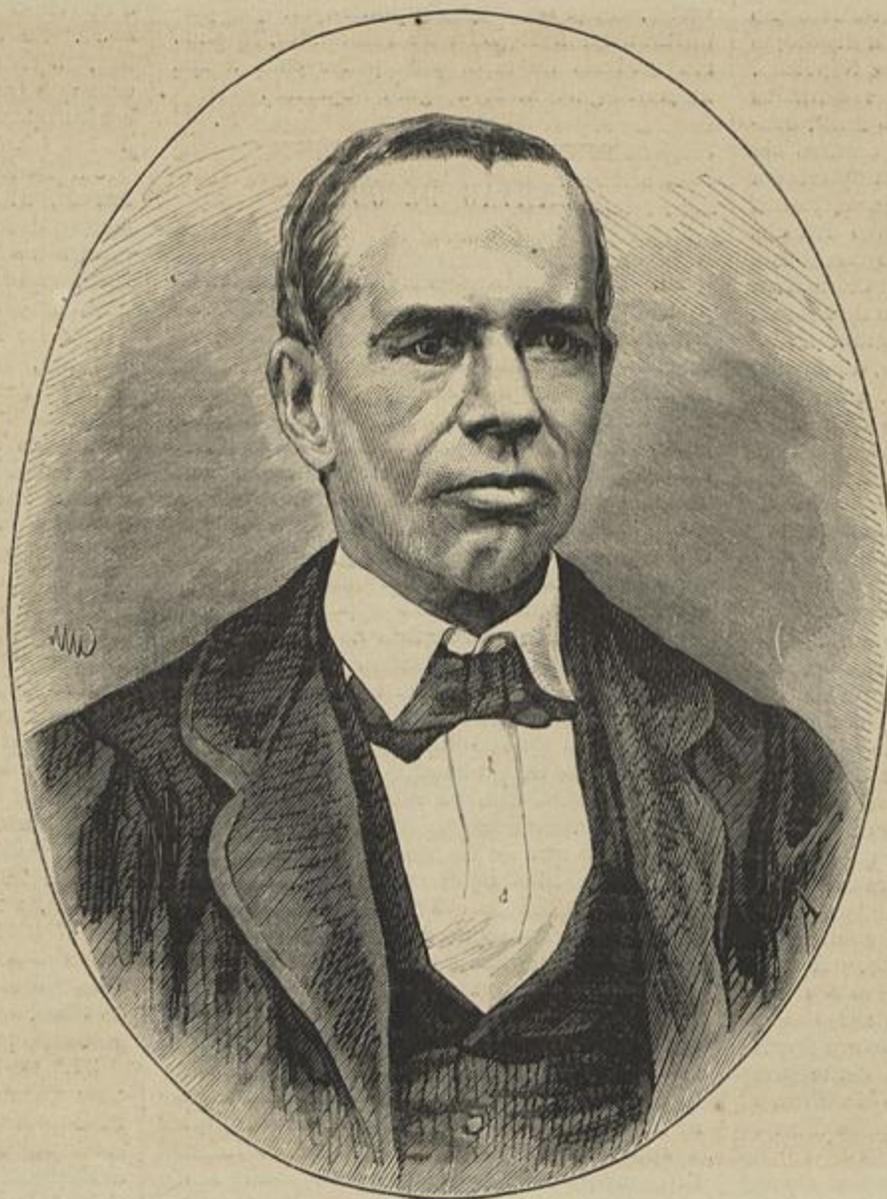
Ajuda, 7 de maio de 1879.

J. A. DA GRAÇA BARRETO.

## MARGAL JOSÉ RIBEIRO

Era um homem muito conhecido pela singularidade do seu caracter e excentricidade de sua pessoa. Nasceu em Lisboa no 1.º de agosto de 1793, onde foi baptizado na freguezia da Encarnação, sendo filho de Thomaz José Ribeiro e D. Anna Preciosa Perigrina do Livramento Ribeiro, também d'ella naturaes; entrou na vida publica em 1817 como official supranumerario do ministerio dos negocios do reino, sem vencimento, a 17 de agosto, depois de habilitado com estudos regulares. Foi encarregado da secretaria do conselho de Estado em 26 de outubro de 1821, e n'esse dia promovido a official ordinario do ministerio do reino, logar em que foi confirmado, pelo governo liberal, em 12 de junho de 1822.

Com o movimento politico de retrocesso que em seguida se operou no paiz foi aposentado em 30 de agosto de 1823, mas algum tempo depois reintegrado em 29 de novembro de 1824. Fallecido D. João vi, aclamado D. Pedro iv, que abdicou em sua filha, e tendo-se levantado D. Miguel, contra sua sobrinha e desposada D. Maria ii, e feito aclamar rei, deixou Marçal José Ribeiro o serviço publico, e não, sem algum risco, conseguiu emigrar do reino, e pôr-se a salvo das perseguições que então se fizeram, acolhendo-se, com os mais portuguezes, a Inglaterra em janeiro de 1829, sendo logo, pela sua aptidão, empregado no serviço da legação de Londres, situação em que foi considerado pela regencia estabelecida na ilha Terceira, em 7 de abril de 1832. Restaurado o governo constitucional, foi restituído ao seu logar de official da secretaria de estado dos negocios do reino,



SILVA PORTO (Segundo uma photographia de Rocha Figueiredo de Benguella)

continuando a servir n'aquella legação como secretario interino, até ser nomeado n'este cargo effectivo para a legação de Madrid, continuando porém a servir em Londres como encarregado de negocios até 4 de outubro de 1836; e foi auctorizado a tratar do ajuste final de contas entre Portugal e o Brazil em 17 de março de 1837. Depois de varias commissões no reino, de menos importancia, foi nomeado secretario da legação de Paris, onde serviu desde 1 de dezembro de 1843 até 14 de agosto de 1845, e como encarregado de negocios até 18 de dezembro do mesmo anno, d'onde foi transferido, na dita qualidade de secretario, para a legação de Londres em 27 de junho de 1846, servindo allí até 6 de setembro de 1851, sendo durante esse periodo algumas vezes encarregado de negocios. Depois de mais alguns serviços, foi aposentado por seu pedido, com as honras de ministro plenipotenciario, em 20 de fevereiro de 1859, situação em que se achava quando falleceu. Varias condecorações lhe ornavam o peito, concedidas por varios soberanos do mundo, como reconhecimento dos seus serviços e merecimentos. Ainda depois de aposentado foi por vezes encarregado de acompanhar n'esta côrte varias embaixadas de paizes estranhos, como as do Japão, e Birmania, desempenhando-se d'essas commissões sempre como homem prestadio.

Foi sempre muito considerado como homem instruido, conhecedor de varias linguas, e honrado no cumprimento dos seus deveres.

A sua vida particular era notavel entre o publico pelas excentricidades e singularidades com que se tratava. Vivia quasi só, e era tachado de avaro, comtudo as suas ultimas disposições



BELMONTE — CASA DE SILVA PORTO NO BIHÉ, MORADA DO MAJOR SERPA PINTO DURANTE A SUA ESTADA NO BIHÉ EM 1878

Extrahido do album de viagem do major Serpa Pinto.)

testamentarias mostram, que, a economia de que se cercava, foi útil aos pobres. Contavam-se mil anedotas a tal respeito, das quaes citaremos uma, que nos parece característica. Havia dado a um criado, trabalhador ou jardineiro umas calças usadas, este mandara-as tingir e arranjar; quando lhe appareceu com ellas, como eram de boa casimira, admirou-se o conselheiro do serviço ter umas calças tão boas: respondeu-lhe que eram as que sua ex.<sup>a</sup> lhe tinha dado. «Como! disse elle, são essas? então como arranjaste isso?» «Mandei-as tingir e compôr e ficaram assim, gastando eu apenas oito tostões.» «Ora essa! estava capaz de t'os dar e ficar com ellas, que ainda me serviam bem.» Outros dizem que elle assim fizera, o que não cremos. Emfim, apesar da sua avançada idade, quando se julgava melhorado de uma enfermidade que o accommettera, falleceu a 23 de maio do corrente anno.

Aberto o seu testamento encontraram-se muitas disposições, contemplando varias pessoas de sua amizade e serviços; e além d'isso legados a pobres da freguezia da Encarnação perpetuamente, outros a senhoras viúvas, e casa-las com maridos cegos ou paralyticos; os hospitaes e os diversos asylos foram todos mais ou menos contemplados, deixando por universal herdeira de todos os seus bens, depois de satisfeitos os diversos legados no testamento mencionados, a Casa Pia de Lisboa. Segundo a opinião publica esta herança deve ser superior a 100:000\$000 de réis. Acha-se n'este testamento a seguinte original declaração: que se não faça convite algum para o seu enterro, e que no dia immediato se publique em certos jornaes que no-

meia: falleceu no dia... e foi sepultado hontem no cemiterio occidental o conselheiro M. J. R. que determinou, que, para este ultimo acto, não fossem convidados os seus poucos amigos, para lhes poupar incommodos, nem os seus muitos conhecidos, certo de que estes não se prestariam a esse convite.

Os pobres, os necessitados, e os orfãos que a Casa Pia recolhe, ampara e educa, devem, e em geral todos os corações humanitarios, bendizer a memoria do homem, embora excêntrico, do funcionario integro, que tão bom uso soube fazer das suas economias, e que tão bom exemplo legou aos vindouros.

Pela nossa parte deixamos o seu nome e a sua effigie inscriptos e guardados n'este archivo e galeria dos homens prestantes.

B.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### HORAS D'ESTUDO

A nossa gravura é uma composição original de Columbano Pinheiro. Desenhada com firmeza, cheia d'elegancia em todos os accessorios, este trabalho denuncia um talento verdadeiro, como o é innegavelmente o seu auctor, a quem na arte portugueza está de certo reservado um dos primeiros logares.

Columbano Bordallo não se limita a seguir as tradições academicas nacionaes; vai muito mais longe: os seus trabalhos tem um cunho de independencia que o assignalam desde logo como uma d'estas naturezas individuais e poderosas que não se deixam ficar desaperecebidas.



HORAS D'ESTUDO (Composição e desenho original de Columbano Bordallo Pinheiro)



BRAZIL — PGARAPE DE CACHOEIRINHA DE MANAOS (Segundo uma photographia.)

Se attendermos a que d'entre a pleiade dos nossos artistas já feitos, é elle um dos mais novos e de menos tirocinio, não podemos deixar de concluir que aprimorado pelo estudo e gujado pelos bons modelos, irá com certeza longe.

Falta-lhe simplesmente um meio menos atrophante, mais amplo do que o nosso; e sobretudo mais moderno, pois que uma das qualidades da sua maneira artistica é ser muito do seu tempo. Na França daria talvez hoje um independente; em Portugal já vemos que dá uma individualidade que se affasta muito da banalidade official.

O pequenino quadro *Horas d'Estudo* revela já algumas d'estas apreciáveis qualidades.

#### MANÁOS

Manáos, sabe-o o leitor, é uma cidade do Brazil na comarca do alto Amazonas, provincia do Pará, em uma eminencia na margem esquerda do rio Negro, 15 kilometros acima do logar aonda este rio se junta com o Amazonas.

É ocioso já agora encarecer as bellezas naturaes d'esta opulenta e decantada região do grande imperio americano. A nossa estampa representa o Pgarapé da Cachoeirinha, um dos sitios mais afamados e mais pittorescos do grande rio, e por ella se póde avaliar o que será essa paizagem gigante aonde o homem se sente inteiramente absorvido pela natureza.

Já no nosso n.º 35 demos uma d'estas vistas do alto Amazonas, aonde este rio toma o nome de Solimões, e successivamente iremos publicando outras d'estas paragens tão pittorescas.

#### PREMIO D'HONRA DA REGATA DO DIA 24 DE JUNHO ULTIMO

A nossa gravura representa o objecto d'arte que na regata da Real Associação Naval, no dia 24 de junho ultimo, coube em premio ao cabique *Mina*, vencedor, pertencente ao sr. H. F. Moser.

Este premio tinha sido no anno anterior ganho pelo yacht *Syrius* de sua magestade el-rei D. Luiz I, na regata igualmente promovida pela referida Associação, e da qual o OCCIDENTE deu a estampa.

Sua magestade cedeu este anno generosamente o premio obtido, o qual disputado por varios barcos foi valorosamente ganho pelo *Mina*.

Este elegante objecto artistico foi fornecido pela casa Leitão & Irmão, estabelecida no Largo das duas egrejas em Lisboa, certamente a mais elegante e mais opulenta de todo o paiz.

### VIAGEM ATRAVÉS D'AFRICA AUSTRAL

PELO  
MAJOR SERPA PINTO

#### O EXPLORADOR E A EXPLORAÇÃO

#### IV

Resumimos nos capitulos anteriores a narração do major Serpa Pinto, a respeito do systema hydrographico da parte da Africa austral, que elle alli teve occasião de mais particularmente conhecer.

Vamos agora reunir as demais informações que o viajante nos deu já, relativas aos territorios visitados e ás raças que os habitam, factos que elle conheceu pessoalmente, ou de que soube por informações que reputa sufficientes: <sup>1</sup>

O terreno sobe no continente africano de Benguella, para o interior, em dois degraus principaes. O primeiro, da planicie do Dombe á planicie de Quillengues, chega a 808 metros acima do mar. O segundo eleva-se repentinamente, e vae d'ahi a 1:750 metros. Estavam ainda juntos os tres chefes da expedição portugueza, quando subiram esta segunda grande ondulação das terras, e n'ella gastaram um dia inteiro de marcha para percorrer dois kilometros.

D'ahi o terreno desce um pouco para o grande plateau d'África Central. As aguas que correm para o mar de oeste, sahindo das abas do plateau, formam torrentes de inverno, mas desaparecem de verão quasi inteiramente; por fórma que entre o Quanza e o Cunene, os rios não são permanentes e, de verão, só, em muitos pontos se encontra agua, cavando.

Os terrenos são n'uma grande parte calcarios, seccos, e n'esse caso pouco férteis, ás vezes apenas tendo, por vegetação, raras acacias. As minas são abundantes desde o norte do rio Catumbella, até ao sul do Dombe. Nos granitos, que existem tambem frequentes, as minas desaparecem mas a vegetação torna-se consideravel, sem nunca attingir n'esta região o que se sabe das espessas florestas americanas.

Os rios que nascem no alto, no plateau, tem razões de existencia mais permanentes.

O rio Cunene, que é um dos desaguardos para oeste d'essa região, tem para Portugal uma enorme importancia. Por pouco mais de 14º de latitude está no seu leito Quiverequete, abaixo do porto de Fende, ao lado quasi, e não muito longe, de Luceque. É ahi a ultima cataracta, o ultimo desnivelamento que não permite passagem aos barcos. D'ahi até 17º, onde é o forte portuguez do Humbe, o rio é perfeitamente navegavel, e por isso constitue, no territorio de Mossamedes, uma estrada permanente, que o major Serpa Pinto percorreu durante meio grão, e que ahi, de verão, é dez vezes mais larga que o rio Mondego.

Rodeado pelas *nhanas* ou planuras descampadas onde estão as nascentes do rio Cunene a oeste, pelos affluentes do Cubango, pelo Québe, e pelos affluentes do Quanza, nascendo tambem a oeste, um dos quaes, o Coqueima fecha, como uma muralha semi-circular, os territorios do sul, n'este centro geographicamente interessante, está o paiz conhecido hoje pelo nome de Bihé.

De tres gerações data este nome:

Bihé era então um filho do chefe do Humbe, — no ponto em que o Cunene vindo do norte, se dirige para o mar de oeste, — e ia para o norte caçar, para as margens do Coqueima, onde havia as grandes florestas percorridas por elephantes numerosos. Ahi encontrou elle uma povoação unica e livre, onde estava uma filha do chefe d'um povo do norte, e com ella se ligou, fundando Cubongo. Desde então os Quibocos começaram a emigrar para o paiz prospero, que fica entre os rios, e muitos do sul tambem para alli seguiram o filho do chefe, e, misturando-se tambem aos Ganguellas, que já ahi existiam, formaram a raça mixta dos Muhumbes.

O Bihé teve dois filhos. O mais novo, mais audaz, expulsou o mais velho, e este caminhando para as terras dos brancos, foi a Loanda pedir auxilio ao governador de Portugal.

Uma expedição militar se formou então na capital da colonia portugueza; muitos negociantes a acompanharam e, restabelecido no governo o filho primogenito do Bihé, este prometeu proteger os portuguezes que passassem pelo seu paiz ou que ahi se estabelecessem.

Então o governador de Benguella collocou no Bihé um empregado chamado Coimbra, agente do governo da colonia, que effectivamente era ouvido sempre no governo d'aquelles territorios. <sup>2</sup>

O filho do chefe estabelecido pelos portuguezes, Quilenco, é hoje quem governa o Bihé.

Este povo formado assim pelo instincto aventureiro e pelas emigrações de muitos povos é, sem ser nomado, essencialmente viajante.

Não ha entre o Equador e o Cabo da Boa Esperança ponto algum d'África que os bihenos não tenham visitado. Com muitos povos esteve o major Serpa Pinto que não tinham visto brancos, mas não esteve com nenhum povo que não tivesse visto bihenos. Estes vão pelas terras de toda a Africa trocando por marfim, por cera ou por borracha, fazendas ou antigas espingardas da Europa.

O dominio do chefe do Bihé vae até ao rio Quanza. D'ahi para leste e sul começam a encontrar-se as raças Ganguellas.

Uma d'ellas, a dos Quinbandes, estaciona pelo paiz que é banhado pelo Cuim e affluente do Quanza, pelo Onda e Raria affluentes do Cuim e até ás fontes do Lungo-é-ungo.

Este paiz é extremamente fértil e salubre: sobre prados magnificos encontram-se grandes

manadas de gado bovino e rebanhos de porcos que o major Serpa Pinto não encontrou em nenhum outro ponto do interior d'África.

Os Quinbandes são trabalhadores e pacificos e mostram um pronunciado gosto, raro em Africa, por andarem vestidos.

Um dia, o explorador portuguez navegou no seu barco de cautchouc sobre o rio Onda. Ahi a vegetação das margens não é muito espessa. Apenas, aqui e ali, se vê em grupos as arvores que dão o pau ferro, abundante no paiz. De repente, ao longe, avistou-se um palmar:

As arvores d'aquella extranha floresta tinham os troncos escuros, cylindricos, coroados apenas, no alto, por longas folhas elegantes que apresentavam o aspecto exacto das palmeiras.

Foi, perto já, que o major Serpa Pinto reconheceu que se achava diante d'uma extensa floresta de enormes fetos arboreos.

Foi n'este paiz tambem que elle estudou attentamente as construcções que fazem as formigas — termites: montes cylindro-conicos, com a mesma configuração das casas dos negros n'esta região, formados por argila acinzentada que os insectos tiram do sub-solo.

Para leste da linha que separa as aguas que vão ao Quanza, e por elle ao Atlantico, das aguas que vão ao Cuando, e por elle ao Zambeze, encontram-se os Luchazes.

Estes povos são agricultores mas não tem gados. A sua industria principal é a do ferro que elles trabalham de modo surpreendente. Encontra-se nos albuns de Serpa Pinto desenhos de armas e de utensilios feitos de ferro, d'uma ornamentação e de formas extraordinarias.

Entre os Quinbandes que são os mais fortes e os Luchazes que são talvez mais industriosos o odio é grande.

Mas do norte os Quibocos, os Calubares e outras raças ainda emigram desde o Lunda aos milhares para o paiz dos Luchazes; e estes acolhem-n'os e deixam-n'os estabelecer-se e agricultarem, como quem sente, nas terras que possui, riquezas superabundantes.

E' no meio d'este paiz muito salubre e hoje cheio de gente, que existem grandes povoações.

O terreno que até ahi é plano começa para o norte a tornar-se montanhoso.

Para leste e sueste encontra-se então os Ambuelas, que são sem duvida uma das raças mais adiantadas d'África central, e que principalmente estacionam pelas margens do Cuando, e dos seus affluentes Cuchibi, Cubanguí, etc.

Estes povos formam, entre as grandes povoações que a pequena distancia umas das outras se encontram, uma verdadeira federação de centros independentes

Muitos Ambuelas são agricultores e são os unicos mesmo que não escondem a cultura entre os macissos das florestas. As plantações dos Ambuelas encontram-se sobre os nateiros, nos terrenos mais ricos das margens do Cuando.

As terras inclinam-se suavemente d'aqui ao Zambeze. Na nascente do Cuando estão a 1:154 metros sobre o mar; na sua embocadura a 1:012, distribuindo a differença por uma extensão de 600 milhas.

O rio Cuando corre sem cataractas atravez d'este extenso territorio. Na parte superior do seu curso as algas e as gramineas abundantissimas difficultam a navegação ás proprias canoas. Mas, logo a pequena distancia das nascentes, a corrente arreda as vegetações fluctuantes da superficie e do centro do leito do rio.

Pelas margens do alto Cuando os rebanhos de antilopes são numerosos. Sómente o major Serpa Pinto notou que muitos d'elles entravam na agua, e viviam d'entro d'ella muitas horas como amphibios.

Por todo o vasto territorio que está entre o rio Cuando e o Liambai, — e talvez ainda para o sul até ao rio Cubango, — divaga uma raça selvagem, nomada e inesperada no centro d'África. Essa é a dos Mucassequeres.

Os homens d'essa raça são brancos, de feições ethiopes, de olhos inclinados quasi como os mongoles. A cabeça, n'alguns pontos calva,

<sup>1</sup> É conveniente acompanhar a descripção que se segue com a leitura do mappa publicado no n.º 37 do OCCIDENTE, 1 de julho de 1879.

<sup>2</sup> É este provavelmente o major Coimbra de cujo filho negro Cameron conta no seu livro, *Across Africa*, tamanhas atrocidades.

teem-n'a elles n'outros coberta por uma carapinha lanosa muito curta.

Os Mucassequeres são d'uma grande robustez, d'uma força pouco vulgar, fazendo desaparecer no corpo dos elephantes as setas despedidas dos seus arcos.

Vivem de raizes, de frutas e de caça, longe, geralmente, do contacto dos outros homens. Comem os alimentos crus ou assados, mas nunca cozidos; e não se embaraçam, nas suas correrias continuas, com panellas ou utensilios de cosinha que todos os outros povos usam n'África.

Vivem os Mucassequeres em pequeno numero de familias, mas não formam povoações nem dormem duas noites seguidas no mesmo campo.

Só quando os alimentos que elles costumam colher no matto lhes escasseiam, é que se approximam dos Ambuellas para obterem farinha, grão, milho e armas que não sabem fabricar.

Uma outra raça, os Massambas, e mais para o sul os povos a que os inglezes dão o nome de *bushmen*, mulatos e menos selvagens, parece serem resultados do cruzamento dos Mucassequeres com as raças pretas.

Do Quando ao Zambeze estende-se a região mais difficil — que é como que um grande pantano interrompido de espaço a espaço por terrenos relativamente seccos ou por mattas de pequena extensão, — occupando uma vasta planura a 1:012 metros sobre o mar.

Por este insaluberrimo paiz divagam bufalos que atacam os raros viajantes.

Junto do Zambeze não encontrou já o viajante portuguez os Macololos, que Livingstoneahi conheceu como um povo independente e como uma raça preponderante. Sangue d'elles deve ainda ahí haver, e muitas mulheres ainda se mostram como pertencendo-lhe.

No valle do Liambai habitam os Baroses e, pela região em que o rio se despenha em cachoeiras e cataractas, encontram-se já os Macalacas que se estendem até ao norte dos Matebeles e dos Zulus, raça guerreira e terrivel, se bem que votada a ser escrava de todas as outras com que está em contacto.

Por 16° de latitude sul começa o Liambai a correr por entre paredes de basalto e todo o terreno da região até alem das ultimas cataractas parece formado por lavas avermelhadas como que recentemente sahidos d'algum vulcão.

A terra porém está coberta de grande vegetação e de espessos arvoredos.

As penedias altas nas margens entram pelo rio difficultando, ás vezes mesmo impedindo, de todo, a navegação.

Por 17° de latitude encontra-se a cataracta de Gonha que é a primeira e depois as cachoeiras continuadas sem interrupção quasi até Moso-oa-tunia.

A leste de todo este paiz estão os Chucumbes. É preciso atravessal-os para ir ás fontes do Congo-Lualaba e do Luengue ou Cafuque. Mas esses povos não admittem entre si brancos e gente vestida, e nunca lá penetraram sequer, os arabes de Zanzibar.

No territorio do Bihé, acima de Cubango e junto do rio Cuito está Belmonte, a habitação celebre onde Silva Porto residiu por muito tempo.

Foi ahí tambem que o major Serpa Pinto viveu enquanto preparava a expedição com que atravessou o continente africano.

A gravura que hoje apresentamos da principal casa da residencia, é copia d'um desenho que la fez o major Serpa Pinto e que este nos permittiu tirar d'um dos seus albuns de viagem.

Temos tambem a fortuna de poder apresentar o retrato do celebre viajante Silva Porto, copia d'uma photographia que este offereceu ao sr. Luciano Cordeiro secretario da Sociedade de Geographia de Lisboa.

O sr. Silva Porto é, entre os que se occupam de geographia africana, uma grande notabili-

dade e não serão só os portuguezes que estimarão ver pela primeira vez publicado no mundo o seu retrato. A elle deveram muito os exploradores portuguezes, já em meios que lhes forneceu, já em conselhos preciosos sobre os obstaculos, os perigos e os recursos dos paizes, já no grande conhecimento que elle tem de muitas das regiões que as expedições portuguezas atravessaram.

Para mais tarde reservamos mais completa noticia das viagens de Silva Porto e das expedições que elle tem organizado e dirigido.

(Continúa.)

ALBERTO DE CERVAES.

ERRATAS IMPORTANTES

Pag. 99, col. 1.ª, lin. 74. Uns, como por exemplo o Quanza, o Quebe e o Cunene vão a oeste para o Atlantico em pequenos rodeios. Outros como o Cassebi, o Congo-Lualaba etc.

Pag. 99, col. 2.ª lin. 42. Nesta região chata os rios que correm ao longo de toda ella, — o Luengo é-ungo ao norte e o Nbenço mais ao sul, — são por isso mais que os outros rodeados dos encharcamentos que a caracterizam.

Pag. 99, col. 2.ª, lin. 67. Elle e os seus tributarios — senão os de oeste, Cuelembu, Cuelta, Caango, Dima, Luengue, pelo meo os de leste Cabangui, Cuchibi etc. — são totalmente navegaveis. Em toda a parte em que se lê Livingstone deve ler-se Livinstone.

ENSAIOS E NOTICIAS SCIENTIFICAS

CONSTITUIÇÃO PHISICA DO SOL

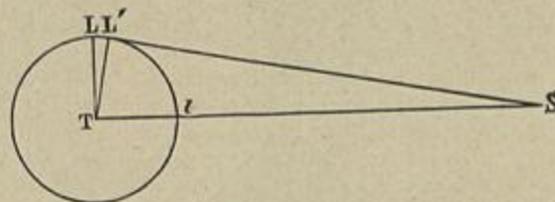
II

DISTANCIA DO SOL Á TERRA

(Continuado do n.º 37)

O novilunio, ou phase lunar vulgarmente conhecido pelo nome de lua nova, corresponde ao ponto da orbita lunar *l* em que estão em linha recta os tres astros respectivamente representados na figura por *T*, *l* e *S*. Determinado que seja pela observação o tempo decorrido entre as duas mencionadas phases correspondentes ás posições *l* e *L'* da lua na sua orbita, o conhecimento do arco *lL'* percorrido pelo satellite n'esse intervallo e o do angulo *L'Tl* que comprehende aquelle arco entre seus lados, depende exclusivamente da apreciação da velocidade da lua no seu movimento em volta da terra. E como este elemento deve suppôr-se determinado, como o angulo *TL'S* é recto e o raio *TL* da orbita lunar conhecido, a resolução do triangulo *LST* em que são conhecidos um lado e dois angulos adjacentes, permittir-nos-ha avaliar a grandeza linear do incognito *TS*.

Fig. 2.ª



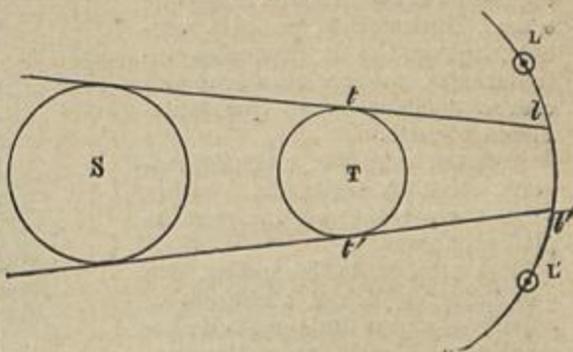
Duas circumstancias concorrem para que, apesar da sua insufficiencia relativa, devamos considerar este methodo como de veras engenhoso. A primitiva incognita do problema, o angulo formado no sol por duas rectas tiradas de dois pontos da terra, ou na hypothese mais favoravel o angulo que o diametro terrestre subtende quando visto do sol, foi substituido por outro o arco *LL'* ou antes o angulo correspondente *LTL'* (que é aquelle cuja observação directa dá na realidade o intervallo das duas phases). Essa nova incognita é igual ao outro angulo *LST* cujos lados são perpendiculares aos do primeiro, e que é o angulo subtendido pelo raio da orbita lunar quando visto do sol, e assim trinta vezes maior (approximadamente) que a incognita primitiva. As observações de que depende a solução do problema podem fazer-se n'um só logar da terra.

As difficuldades do problema eram porém ainda muito superiores aos meios empregados segundo este methodo para o resolver. A verdade d'esta asserção fica para nós demonstrada; á *posteriori*, pela comparação do valor obtido por Aristarcho para a distancia solar *TS*, apenas igual a dezenove raios da orbita lunar, com ultteriores determinações mais rigorosamente approximadas de que é apenas a vigessima parte; á *priori*, pela consideração da grandeza da incognita escolhida (o angulo *LTL'*), dos erros provaveis das observações em que o methodo se baseia, e da influencia de taes erros na apreciação da distancia procurada.

O valor da distancia solar obtido por Aristarcho é

considerado pelos astrónomos modernos como um simples limite inferior da incognita, uma solução do problema equivalente ás estimativas que a astronomia moderna nos ministra em relação a certas distancias estellares, das quaes sómente nos é permittido afirmar que não são inferiores a um determinado valor.

Fig. 3.ª



O methodo de Hipparcho é aquelle que naturalmente se segue ao antecedente não só na ordem historica, como tambem na do rigor da approximação obtida. Sejam *S, T, L* e *L'* os discos solar terrestre e lunar e *LL'* a orbita lunar (fig. 3). Consiste essencialmente o methodo de Hipparcho na determinação do arco *ll'* da orbita lunar comprehendido por occasião de um eclipse de lua no interior do cone de sombra *lL'l'*, e na combinação geometrico-analytica d'este elemento com o raio da orbita lunar e o diametro apparente do disco do sol, combinação que facilmente conduz á determinação da incognita *TS*.

Este methodo, não meno: engenhoso que o antecedente, mais perfeito mesmo, se considerarmos a grandeza da incognita directamente observada, e o facto de habilitar um unico observador a resolver pela simples apreciação da duração de um eclipse lunar, um problema que, tratado directamente, exige delicadissimas, variadas e distantes observações, conduziu todavia a determinações pouco superiores em approximação ás de Aristarcho de Samos.

Esta, como todas as outras tentativas de solução do problema realisadas até ao tempo de Tycho-Brahe, em que o valor da distancia solar accete pelos homens de sciencia não era superior a cinco milhões de milhas, envolvem defeito essencial, a de uma apreciação da distancia solar tão inferior á verdade, que os limites do erro provavel da solução obtida por taes methodos e com os meios de que então dispunham os astrónomos, excedem, segundo a astronomia moderna, o valor da grandeza que se pretende determinar.

(Continúa.)

H. DE MACEDO.

EXCERPTOS

Tudo é suspeito para as mulheres, até o serem santas e virtuosas.

De quem deseja com má tenção, ou de quem deseja com boa, d'ambos são as obras eguaes.

Não ha os maus senão onde ha os bons, e não ha ladrões senão onde ha que furtar.

Não ha o haver, senão onde ha o perder.

BERN. RIBEIRO.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Fallae no mau olhae para a porta.

## O ROMANCE DE UM DRAMA

(Continuado do numero antecedente)

Alvaro começou a existir com a morte do sogro. O sangue do seu organismo era o dinheiro. Logo que o teve, francamente, poz-se á vontade, entregou-se ás expansões voluntariosas, aos caprichos sonhados com a persistencia do quebrantamento physico.

Arrastou a mulher, e ella deixou-se ir, contente, fascinada, a colher os pomos prohibidos á sua genealogia commercial.

Teve a iniciação dos salões, deu que fallar ás folhas, e obrigou os adjectivos a uma declamação de homenagens. Passou pelos theatros, admirada, cercada de exclamações, muito satisfeita das suas *toilettes* de requinte, preocupadamente caras.

Veio-lhes o conhecimento perfeito da sua posição, e combinaram a pompa das suas exterioridades deslumbrantes. Acertaram nas côres que mais convinham ao effeito do grande mundo. Accordaram nas modas que melhor se harmonisavam com as interjeições dos admiradores.

Abriam os salões, onde com proposito ostentaram rivalidades com a sociedade mais nobre e mais rica. E saíram vencedores, respondendo ao convite a uma *soirée* modesta com bailes decantados, onde dansavam, com seriedade official e com abandonos morbidos, ministros, conselheiros, diplomatas, e mulheres bonitas, *bons partidos* apregoados n'um leilão walsado vertiginosamente.

Ella queria gosar por todos os seus avós, que tinham vivido occultos no recanto da sua obscuridade. Queria vingal-os, a elles, que estavam no pó do nada, das humilhações e das indifferenças desprezadoras, dos desdens aristocraticos que lhes tinham envergonhado a pequenez. Julgava que a sua genealogia começava n'ella, e a commenda do seu fallecido pae era o começo da justiça humana.

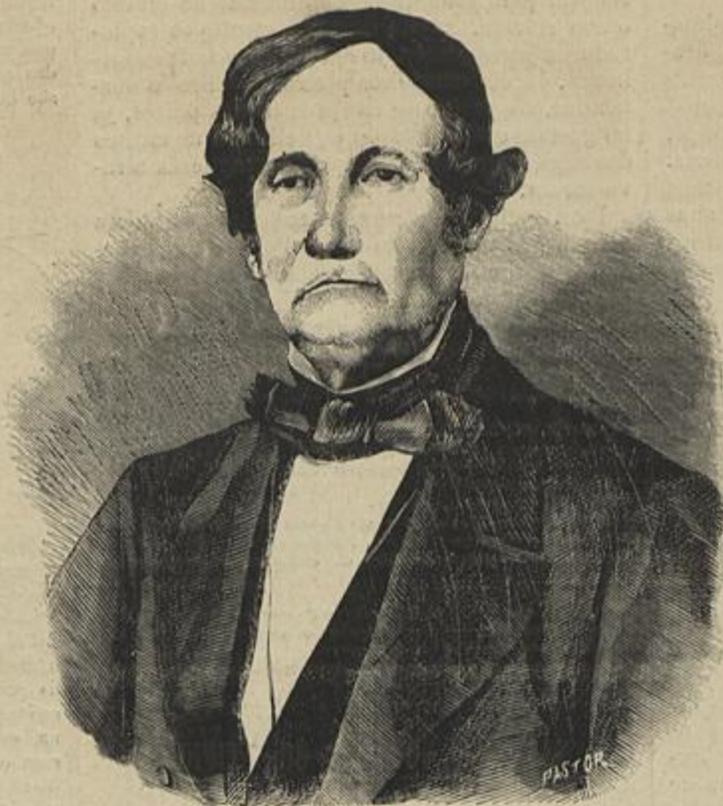
Ia muito bem n'aquelle redopio, sem um calculo determinado.

E o seu corpo esbelto avolumava-se, contorneava-se. Parecia um modelo para se ajustarem n'ella as maravilhas da moda.

E elle gozou-a, como quem devora com gula um *menu* delicioso. As sedas caras, ricas, completavam a fascinação, irritavam, exerciam seducções. As provocações da arte revolucionavam a natureza, a animalidade.

Ensinou-lhe a escala das sensualidades, praticou n'ella tudo quanto ouvira contar nas conversas mentirosas e tudo quanto lera nas brochuras picantes. Levou-a á estufa de *Renata*, á casualidade da *Raquin*, á persistencia nervosa da *Germinia*. Executou na filha do commendador Azevedo toda a litteratura de Zola, de Flaubert, de Goncourt.

E o corpo de Emilia mais e mais se vestia de encantos. Aquelle fogo não a consumia; communicava-se-lhe ao olhar, ás chaminés da sua organização incendiada.

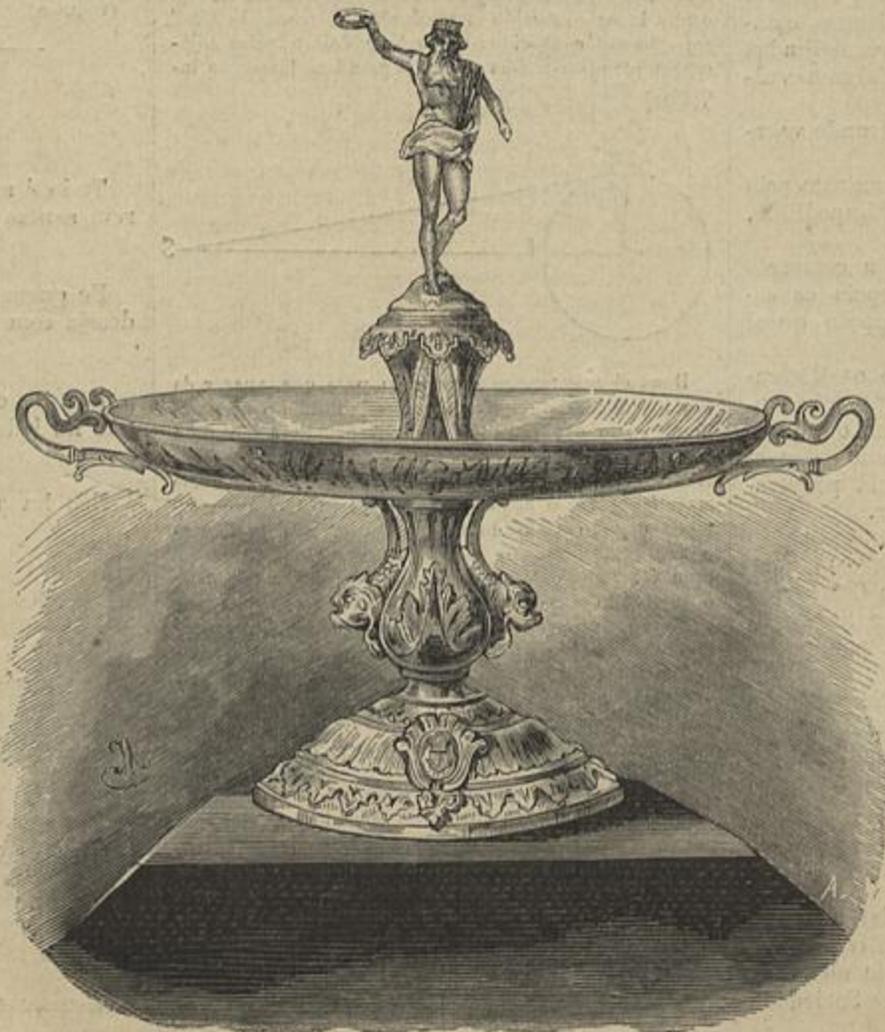


MARÇAL JOSÉ RIBEIRO — (Fallecido em 23 de maio de 1879)

(Segundo uma photographia de Fonseca)

Como ainda viste ha pouco, resistiu á typhica, e apresenta hoje um exemplar classico da estatuaria grega, no tempo aureo em que Phryné inspirava genios.

Alvaro queria que ella fizesse *sensação* nas ruas, nos theatros, nos bailes. Aguçava a sua ferocidade animal com os desejos que via acender na ruborisação dos sanguineos, quando lhe despiam a mulher com olhares persistentes, quando lhe acertavam os binoculos muito demoradamente, e se perfillavam em alas de



PREMIO DE HONRA DA REGATA DO DIA 24 DE JUNHO DE 1879

procissão, por onde passava imperialmente, com altivez.

Andavam sempre em busca de espectaculos. Sonhavam a multiplicação das sensações. E sentiam desejos vagos de consumir toda a sua carne n'uma extravagancia extraordinaria, enorme, onde n'um momento só gozassem o mysticismo do céu, as torturas infernaes, o isolamento amoroso das florestas gigantes, e a embriaguez infinita das grandes paixões, cantadas em versos, declamadas em romances e em dramas, cinzeladas em marmore.

(Conclue) SERGIO DE CASTRO.

## BIBLIOGRAPHIA

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA, publicada por Ernesto Chardron. — Continua a merecer o credito que gosa, pelos interessantes artigos de critica que encerra.

JORNAL DE VIAGENS. — Vem completar este uma lacuna que havia na nossa imprensa periodica. Com quanto não possa hombrear com os jornaes estrangeiros do mesmo genero, nem por isso deixa de ser interessante o seu programma. Não lhe faltando o favor publico, e com os melhoramentos que o tempo e a experiencia devem, de certo introduzir na sua elaboração, pode vir a ser uma publicação importante.

RATAZZI E A SUA ÉPOCA. — *Empresa Litteraria de Lisboa*. Livro da princeza Ratazzi, traduzido pela sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torresão. Recebemos o 1.<sup>o</sup> volume. É conhecida de todos a importancia d'esta obra e por isso nos abtemos de encarecel-a.

Agradecemos e esperamos a continuação que está prestes a sair do prello.

O MARTYR DO GOLGOTHA, por Henrique Peres Escrich. — *Bibliotheca do Cura d'Aldoa*. — Rua do Almada, 209, Porto. — Acabamos de receber esta obra em

3.<sup>a</sup> edição. O seu elogio como trabalho litterario da mais pura, moral christã, parece-nos de sobejo estar feito n'estas palavras. Os escriptos d'Escrich, são sobejamente conhecidos para que seja necessario dizer o fim benefico a que tendem. São christãos e são simples; captivam e não corrompem, fazendo serenamente o seu caminho sem despertarem contestações, nem levantarem luctas.

A edição que temos presente, é primorosamente illustrada com desenhos de Macedo, e gravuras de Alberto.

## CORRESPONDENCIAS E AVISOS

Ao nosso estimavel assigante o sr. Custodio de Carvalho Bastos de Loanda, agradecemos a esplendida colleção de vistas photographicas de varios pontos d'Africa com que nos obzequiou, e que serão oportunamente reproduzidas nas paginas d'este jornal.

— Recebemos tambem do sr. Julião Monteiro Torres, uma colleção de vistas photographicas de diversas paisagens africanas. — Sucessivamente procuraremos reproduzilas.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA  
6, Rua do Thezouro Velho, 6